

yarapina



Yara Pina é natural de Goiânia, Goiás (1979). Bacharel em Biblioteconomia e Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás. Já participou de mostras e programas no Brasil e no exterior como *Opens Sessions* do *Drawing Center* (Nova York, 2014), *Frestas Trienal de Artes* (SESC Sorocaba, 2017), residência *Pivô Pesquisa* (2020), e mais recentemente, do *I Circuito Latino-Americano de Arte Contemporânea* (Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, 2021). Atualmente, vive e trabalha em Goiânia.

Nos últimos anos, tenho investigado diferentes contextos sociais e históricos para explorar os rastros de memória da violência e suas inscrições sobre os corpos violados e ausentes. Dessa forma, tem sido recorrente em meus trabalhos o legado de opressão do patriarcado, do colonialismo e dos regimes autoritários para refletir sobre o esquecimento e o apagamento das vítimas de violência, cujo propósito tem sido não apenas desumanizá-las, mas também destruir suas identidades, seus nomes e suas memórias. Além desses corpos ausentes que vêm sofrendo com constantes apagamentos, também tenho interesse em trabalhar a ausência e o desaparecimento do corpo na performance realizando ações sem a presença de público, e que deixam apenas vestígios da passagem do meu corpo.

www.yarapina.com

@yara_pina
yarapina@gmail.com
+55(62) 98432-6766



Corpos à flor da terra é uma instalação composta por cabos de pá de madeira cravados na terra contendo marcas, entre 10 e 120 cm, que remetem às profundidades das covas onde foram encontrados corpos de pessoas desaparecidas no Brasil. Proponho neste trabalho refletir sobre a desumanização *post mortem* que atinge as vítimas de vários cenários de violência envolvendo não apenas a ausência de sepultura e ritos funerários, mas também o desaparecimento de seus corpos, como forma de apagar a autoria e os rastros das barbáries de seus assassinatos. Para que não sejam localizados, os corpos, quando não destruídos, são descartados nas covas rasas, desovados em cemitérios clandestinos, ou ainda, deixados em terrenos baldios, matagais ou zonas de difícil acesso. Podemos chamar de corpos à flor da terra, os cativos dos navios negreiros enterrados a um palmo da terra no Cemitério dos Pretos no Valongo, os indigentes dos cemitérios públicos, as vítimas da repressão da Ditadura Militar, dos esquadrões da morte, dos grupos de extermínios, do tribunal do narcotráfico, das milícias, das operações policiais, assim como, as vítimas do feminicídio, da trans-fobia e da homofobia.

Yara Pina | **Corpos à flor da terra**, 2021

cabos de madeira cravados na terra contendo marcas que remetem às profundidades das covas onde foram encontrados corpos de pessoas desaparecidas no Brasil,

instalação, 1,65 x 4,0 m



fotografia: Charlene Cabral

Corpos à flor da terra, detalhe. À direita, cabo de madeira com marca que refere à profundidade da cova de 10 cm onde foi encontrado corpo de vítima de feminicídio.



Yara Pina | **Corpos incorruptos**, 2020,
facões, gotas de vela, fuligem, penas de animal necrófago,

objetos, dimensões variáveis

Corpos incorruptos é sobre os processos de luto que permeiam os corpos das vítimas de massacres em presídios. Detentos que tiveram seus corpos esquartejados, decapitados e carbonizados por integrantes de facções que por meio de suas armas espetacularizavam entre as fumaças pretas das chamas de incêndio cenas de barbárie transmitidas ao vivo pelos aparelhos celulares. Os corpos das vítimas quando não identificados pelo Estado são entregues às famílias faltando pedaços – sem órgãos, cabeças, membros - ou em estágio avançado de decomposição. Muitos desses corpos não tiveram direito a velórios, sendo exumadas de forma improvisada ou até mesmo enterradas em valas comuns ou como indigentes.

Yara Pina | **Corpos incorruptos**, 2020,
facões, gotas de vela, fuligem, penas de animal necrófago,

objetos, dimensões variáveis



Corpos incorruptos, detalhe



Em *Zona de esfumaçamento*, exploro os campos de violência que envolvem a participação legal e ilegal do Estado brasileiro na execução sumária de corpos como política de extermínio. Um *modus operandi* estruturado há décadas como uma política de segurança pela Ditadura Militar, que contava com a presença de policiais nos “esquadrões da morte” para reprimir e eliminar o inimigo interno. Hoje, esses homicídios continuam ocorrendo pelas mãos desses mesmos agentes de segurança, durante as operações policiais ou em suas atuações criminosas nas milícias, nos grupos de extermínio e no narcotráfico. Motivados muitas vezes não apenas pela impunidade e pelo amparo legal dos “autos de resistência seguidos morte”, mas também pela lógica lucrativa do crime. Durante a ação, agrido minha própria sombra projetada na parede com o cano de uma carabina focando, principalmente, nas regiões letais de um corpo humano. Num segundo momento, utilizo as cinzas das imagens de vítimas de execuções sumárias, publicadas pela imprensa, para formar uma silhueta e, também, para destacar as marcas das agressões que ficaram na minha sombra. Como gesto final desse rito de luto, encubro com o que restou das cinzas a carabina sobre o chão.

Yara Pina | **Zona de esfumaçamento**, 2021
sombra da artista agredida com golpes de carabina,
cinzas de imagens de vítimas de execuções sumárias no Brasil,

vestígios de ação



Zona de esfumaçamento, detalhe



Zona de esfumaçamento, produção de cinzas através da incineração de imagens das vítimas de execuções sumárias que foram publicadas pela imprensa



Corpos abatidos reflete sobre o modelo de política de segurança adotado desde a Ditadura Militar que ainda hoje alimenta a espiral de violência contra indivíduos abatidos durante operações policiais no Brasil. São ações registradas como “confrontos”, legalmente amparadas pelos “autos de resistência seguidos de morte”, mas que na realidade refletem o alto índice de letalidade à serviço de uma pseudo guerra no combate ao crime e às drogas. Os destroços que compõem a instalação foram recolhidos da fachada das residências das vítimas e, também, de ruas e calçadas de setores periféricos onde ocorreram as mortes – locais estes que consigo levantar por meio da imprensa.



Corpos abatidos, vista da instalação

Yara Pina | **Corpos abatidos**, 2021

destroços recolhidos de locais onde ocorreram mortes por operações policiais em Goiânia,

instalação, 250 cm Ø



Corpos sem nome é sobre os corpos abandonados, ocultados clandestinamente à flor da terra e que foram destituídos do direito de serem lembrados e chamados pelo seu próprio nome. Sem vínculo com seus nomes, perderam o direito de inscrevê-los na memória social e existirem como sujeitos. Diante da impossibilidade de terem seus nomes gravados em uma pedra tumular, já que não foram identificados pelo Estado e nem reconhecidos por suas famílias, proponho com um cinzel produzir inscrições – agredindo a sombra do meu corpo - como ato de rememorar esses corpos que vêm sofrendo constantes apagamentos e cujas existências e memórias lhes são dia após dia negadas.

Yara Pina | **Corpos sem nomes**, 2021

sombra da artista agredida com cinzel,
terra vermelha e cal

vestígios de ação



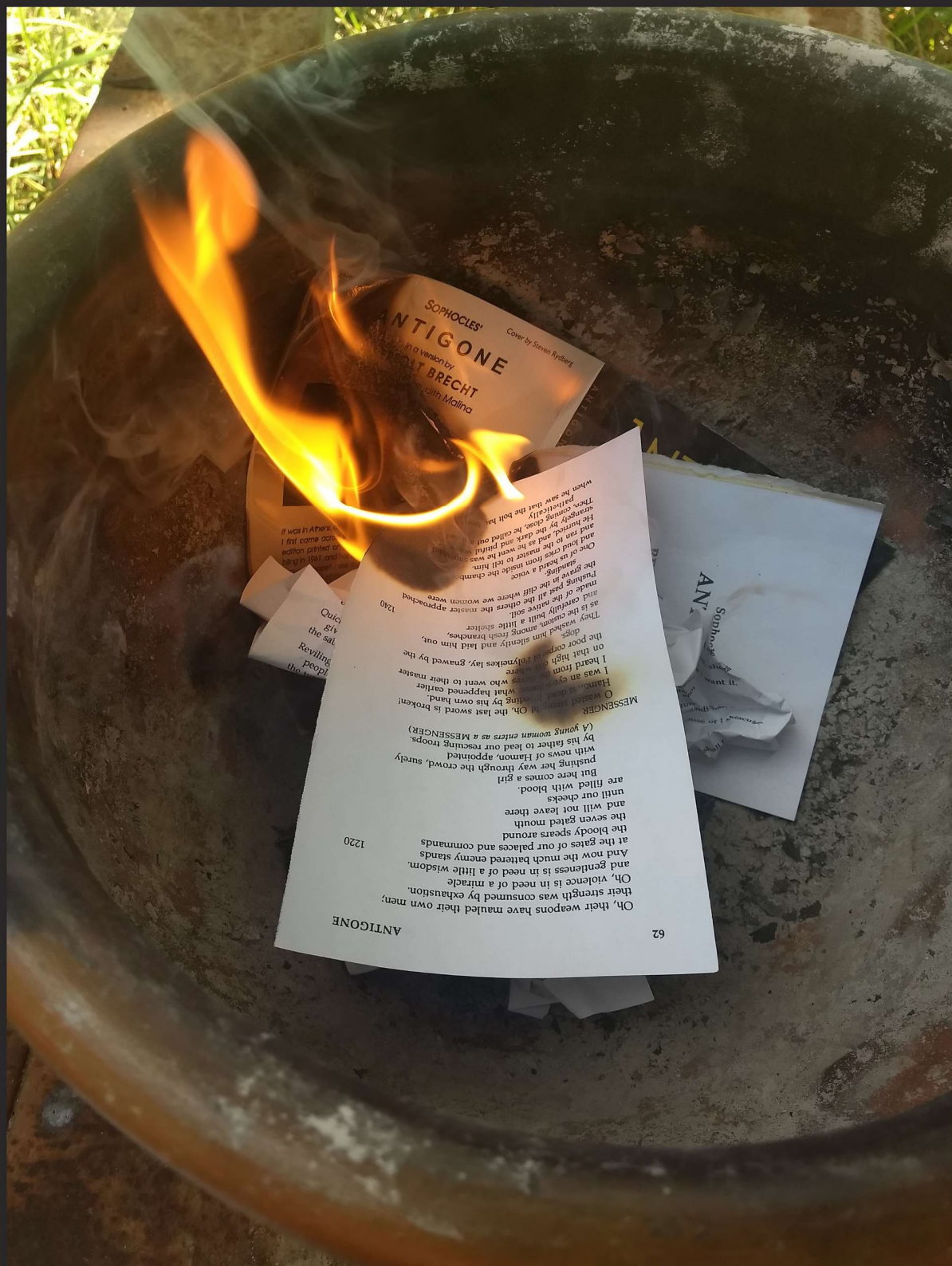


Tendo como referência a violação das leis dos homens por Antígona através de seu gesto políptico em nome de uma lei mais antiga e divina, esta ação tem como proposta rememorar seu gesto de luto através das cinzas da obra incinerada de Sófocles e de algumas versões da tragédia que foram realizadas e adaptadas por dramaturgos ao longo do século XX. Apesar das peculiaridades de seus períodos, assim como de seus contextos sociais, essas reescrituras foram produzidas durante a vigência ou ainda sobre o reflexo do fascismo, de conflitos armados e de ditaduras que deixaram, além de rastros de violência e destruição, milhares de mortos e desaparecidos. *Antigone* de Jean Anouilh (França, 1944), *Die Antigone des Sophokles* de Bertolt Brecht (Suíça, 1948), *Antígona furiosa* de Griselda Gambaro (Argentina, 1986) e *Antígona*, de José Watanabe e Yuyachkani (Peru, 1999) são algumas dessas versões que denunciaram o extermínio de vidas pelo Estado e a importância do direito de sepultar dignamente os mortos. Após agredir minha sombra com um rastelo preencho as fissuras com cinzas até formar uma silhueta do meu corpo. A terra vermelha é então utilizada simbolicamente para deixar o rastro dos gestos de sepultamento das “Antígonas”, no momento em que as personagens utilizam suas mãos para cobrir o corpo dos mortos com a terra.

Yara Pina | **Gesto antigona**, 2019,

sombra da artista agredida com rastelo, terra vermelha
cinzas de *Antígona* de Sófocles
(e de versões escritas no séc. XX),

vestígios de ação



Processo de incineração dos livros : *Antígona*, Sófocles; Bertolt Brecht - *Antigone des Sophokles* (1948); Jean Anouilh - *Antigone* (1946); Griselda Gambaro - *Antígona Furiosa* (1986); José Watanabe - *Antígona* (1999)





Partindo de diferentes campos de violência envolvendo conflitos por terra ou em territórios dominados pela milícia e pelo narcotráfico, proponho na ação-instalação *Corpos-território* refletir sobre o uso do estupro coletivo de mulheres como estratégia de guerra e corpos em relação aos corpos das mulheres. Trata-se, portanto, de uma prática recorrente, terrorista e genocida, que além de silenciar suas vozes, também objetiva dominar e colonizar tais corpos violentados. Durante a ação violo minha sombra projetada na parede, utilizando diversas carabinas em revezamento. A terra vermelha é então aplicada para formar a silhueta sobre as marcas e, também, para silenciar de forma simbólica essas mesmas armas, no momento em que derramo o pó sobre elas.

Yara Pina | **Corpos-território**, 2021,
sombra da artista agredida com carabinas
em revezamento e coberta com terra vermelha,

vestígios de ação



Partindo da relação simbólica, ainda que essencialista, entre o feminino e a terra, proponho nesta ação remeter a um instrumento agrícola de origem muito antiga – o arado – para simbolizar a manifestação recorrente das violências de origens patriarcal e colonial perpetradas ainda hoje contra as mulheres e seus corpos. Num primeiro momento, a relha de um arado foi utilizada como uma arma para agredir a sombra do meu corpo projetada na parede, deixando fissuras que foram, em seguida, preenchidas com a terra vermelha. Já sobre o chão, utilizei o mesmo instrumento para reproduzir os sulcos de uma terra penetrada pelo arado, criando uma relação entre o extrativismo da terra e a violação do corpo feminino.

Yara Pina | **Corpos sulcados**, 2019,
sombra da artista e terra sulcadas com relha de arado,

vestígios de ação



A obra *Tosquiadas* tem como pano de fundo diferentes contextos sociais e históricos que testemunharam a tortura contra mulheres que tiveram seus cabelos cortados e/ou raspados em atos de punição e humilhação. São relatos históricos dessa prática, por exemplo, a Inquisição, a Segunda Guerra, a Escravatura e a Ditadura Militar. Nesse sentido, mas com um foco mais atual, esta série propõe refletir sobre a recorrência desse tipo de violência nos estados brasileiros com base nos fatos noticiados pela imprensa. No momento, tenho explorado dois contextos específicos: o ambiente doméstico, em que homens praticam esse ato para humilhar e punir sua companheira, tomando seu corpo como uma propriedade, objeto de posse; e o narcotráfico, quando membros de facções cortam e raspam cabelos de mulheres como forma de afirmar domínio territorial e aplicar as penas do “tribunal do crime”, caso elas tenham desobedecido ao “código de ética”.

Yara Pina | **Tosquiadas**, 2018,
facas oxidadas com urina masculina,
cabelo feminino,

dimensões variáveis



Tosquiadas, detalhe

As ações têm como referência casos de feminicídio íntimo, em ambientes doméstico e familiar no Brasil, envolvendo o uso de instrumentos perfurantes, cortantes e contundentes utilizados pelos autores do crime para mutilar e desfigurar os corpos das vítimas. Com base nesses relatos, tenho desenvolvido uma série de silhuetas – um processo ainda em andamento - em que agrido minha sombra, violando principalmente partes do corpo relacionadas a feminilidade e sexualidade das mulheres. Ao preencher as marcas das violações com cinzas das imagens das vítimas – veiculadas pela imprensa - pretendo deixar em evidência as principais partes visadas pelos agressores.

Yara Pina | **Marcas da infâmia #1**, 2017
sombra da artista agredida com golpes de espeto,
cinzas de imagens de vítimas de feminicídio

vestígios de ação





www.yarapina.com